



Maria José da Silveira Núncio

OPINIÃO

Um país pequeno

A triste verdade é que são sempre os mesmos. São sempre os mesmos no topo do topo, e são sempre os mesmos na base das bases.

13 de Julho de 2020, 13:00

Não me refiro, naturalmente, à área geográfica, que essa é o que é. Nem tão pouco ao número de habitantes, que é também o que é, e que é, sobretudo, o que seria expectável, combinando o aumento da longevidade, com o decréscimo da natalidade e os contingentes migratórios.

Refiro-me a outro tipo de pequenez que, de tão enraizada nos nossos quotidianos, já se converteu numa característica estrutural, daquelas perante as quais vamos, como em tantas outras coisas, encolhendo os ombros, enquanto, resignados, dizemos entredentes a celeberrima frase “são sempre os mesmos!”. E a triste verdade é que sim, que são sempre os mesmos. São sempre os mesmos no topo do topo, e são sempre os mesmos na base das bases.

Pelo meio, e como que para nos assegurar que o sistema, nomeadamente o de ensino, até funciona, e que o esforço e o mérito até são premiados, lá surgem, de quando em quando, umas excepções que entram, com pompa, no quadro de honra do elevador social.

Se excluirmos estas excepções, mais aquelas que resultam do “chico-espertismo” ou as outras que configuram algumas trajectórias, ao que parece construídas a pulso, mas que têm em comum o facto de alguns anos dessas trajectórias surgirem como que envoltos em nebulosas, a verdade é que são mesmo sempre os mesmos.



E poder-se-ia dizer que estes “mesmos” são frutos da revolução e da democracia. Mas não o são. Basta que se atente nos apelidos, para que se perceba que não o são, e que constituem, na verdade, mais uma das heranças do Estado Novo.

E curiosamente, se calhar pela pequenez do país, muitos do que se opuseram ao regime, carregavam, eles próprios, esses apelidos (afinal, todas as famílias têm os seus *enfants-terribles*), o que lhes conferiu toda uma presunção de autoridade moral, na democracia acabada de nascer.

A elite financeira, social, política e inclusive intelectual, em Portugal, é um aquário. Redondo. Um aquário onde nadam, sempre à roda, cardumes vorazes, mas aparentemente inofensivos, de Manecas, Pituxas, Tarecos, Pitas, Bebés, Quicos e todo um sem-fim de *petit-noms*, que antecedem os ditos apelidos, e funcionam como uma espécie de chancela de estatuto social, ao mesmo tempo que sugerem uma evidente endogamia de classe.

Uma endogamia que domina e controla na sombra, as mais das vezes atirando para a frente as tais figuras dos “*Chicos-Espertos*” e dos “*Fura-Vidas*”, espécies autóctones de fulgurante e obscura ascensão que, deslumbrados com a ilusão de pertença, se vão movendo ao ritmo das cordas, ou o mesmo é dizer, ao ritmo de contas bancárias mais arredondadas no fim do mês, que hão-de significar um descanso, também ele mais arredondado e almofadado, no momento da retirada (que será mais ou menos estrepitosa, mas que seguramente, terá visto garantida, previamente, uma qualquer comenda, pelos extraordinários feitos à nação).

Saem de cena uns “*Fura-Vidas*”, ascensoristas sociais de renome, e permanecem os outros, ou melhor, os “mesmos” que, girando no seu aquário privado, não têm qualquer dificuldade em fisgar um novo candidato ao ascensor, extasiado perante a intimidade dos jantares exclusivos, no fim dos quais é despedido, por entre sorrisos, com um abraço que lhe cola, nas costas do *blazer* lustroso, a tarja “burgessos”.

Garante-se, assim, que permanecem “os mesmos” no topo do topo da pirâmide. Aquele topo que não alimenta as revistas do *jet-set*, pelo contrário foge delas, nem entra nessas almejadas listas das “celebridades”, nas quais os “*Chicos-Espertos*” se pelam por aparecer, em poses falsamente naturais, numa evocação daqueles retratos antigos, que insistem em assombrar as casas onde já ninguém mora, e em que os retratados contemplam a máquina com expressões hirtas, de atemorizado espanto.



Mas garante-se, também, que na exacta base dessa mesma pirâmide vão permanecendo “os mesmos”, reproduzindo-se de geração em geração, igualmente iletrados (ainda que com a escolaridade completa), igualmente pouco qualificados (ainda que licenciados), igualmente excluídos (porque a exclusão é multiforme) e igualmente calados.

Calados, como calados estiveram os seus avós e os seus bisavós. Calados, porque a pobreza cala e a ignorância cala mais ainda, e a verdade é que, numa e noutra, ainda há um longo caminho a percorrer. Um caminho que está muito para além das estatísticas e dos indicadores vários que, numa aparência de pautas escolares, atestam a cumpridora exemplaridade dos países-alunos.

Até lá, continuaremos a brindar aos “mesmos” e à nossa pequenez. Que se hão-de manter, por muitos anos, e bons.

Socióloga; professora universitária ISCSP-ULisboa